

Director — DAVID DRAGA
Editor — MENDES BRAGA

Redacção e Administração:
Rua Dr. José Sampaio, 6

Composição e impressão:
«Minerva Ribeiro»
Rua de Gil Vicente, 34—Guimarães
Propriedade da Empresa «O Taralhão»

O Taralhão

Quinzenário Humorístico e Literário

I ANO N.º 3

Guimarães, 21 de Setembro de 1924.

A sociedade

Não tomo esta palavra como termo que atinge exclusivamente a gente fina, ou, como pedantescamente se diz, gente chic; êle tem para mim um sentido total. E é sobre esse ponto de vista que em breves penadas irei traçar a minha opinião.

O século actual, a que chamam a *época da velocidade*, é sem duvida uma era em que os sucessos inesperados se fazem sentir numa carreira aterradora. A sua sociedade assemelha-se a uma cratera que vomita incessantemente aquela lava fulminante a que chamamos *revolução*, palavra que brinca constantemente nos labios descorados dos miseros, contempladores ingénuos dum progresso que humilha e entontece. Sim, não é humana a civilização actual, e, bem longe de estar ligado a qualquer facção politica, lamento o egoismo que atrai e avassala aqueles que mais tem.

Esses felizes da vida são tambem os desvairados, os loucos que rendidos por uma ignorancia cruel caminham para um abismo impraticavel, um abismo que deve submergi-los num enrêdo de vicissitudes inevitaveis. Os que sofrem, os miseros, os infelizes da vida portanto, são os esperançosos que se vão consolando numa indolencia peregrina, tendo como farol cada vez mais rutilante, o dia de amanhã. Depois surgem os crimes, e a sociedade, electrificada por uma crença hedionda, vai culpar o delinquente. E porquê? Porque desconhece, submersa na sua brutal cegueira, que o crime é o fruto autentico da sua marcha doentia. Actualmente despre-

zam-se os livros, quando afinal mais precisos são; é que o commercio dá mais e a industria tem vantagens atraentes. E' que a carestia da vida obriga os pais, num arranco que comove, a pôr os seus filhos aos dez anos nas oficinas e nas casas de negocio. E' que as meninas abastadas, em vez de se ilustrarem, lendo, vão aprender a correr os dedos pelas teclas dum piano ou a marcar o passo no lux-trot, porque a dança acompanhada por musica arrebatada as almas juvenis e revela a escultura corporal, a elegancia, a gentileza. E' que as mães se ocultam entre as cortinas rendilhadas quando qualquer peralta faz avenida ás suas meninas. E assim por diante.

Ora, a coroar tudo isto, a illusão constante, a mentira venenosa que aniquila os mais inexperientes, persiste ôvante na sua marcha assustadora. Conclusão: sociedade, é um nome impróprio, indigno de ser aplicado a uma junção de familias que se perseguem mutuamente procurando ferir. E' mais uma mentira, a mentira-mór. E todavia, os protegidos pronunciam-na com escárneo, vindo confirmar uma máxima que diz assim:—*aquele que faz bem algum interesse tem*. Temos como excepção os pais, unicos entes que por nós trabalham; desinteressadamente, guiados pelo amor natural que nos consagram. O resto... illusões... a tempestade... a ameaça! E que fazer nesta anarquia diplomática?— Trabalhar, fendendo rectas sem oscilações. Fazer bem por piedade, se for possível, mas sem grandes demoras nestas contemplanções.

NA BERLINDA

—O' mamã, reparou naquella rapaz bonito, de meia estatura, gordo, que estava ali na barbearia do snr. Simão Córado?

—Não, menina; não estou certa... Ele quem é?

—Olhava tanto para mim!
—Isso... para ti olha muita gente... mas o peor é que quem convem que olhe não olha...

—Não, aquelle mamã, tenha paciencia... aquelle aposto que convem!... Bem se vê pelo trajo que é um rapaz rico... Tem um ar tão distinto e uns requeleros tão senhoris, que basta olhar para êle e para a sua chanca mágica, para logo se conhecer que é muito gentil; pedindo informações á D. Rosa, disse-me que não é moimante, fala desembaraçado e está relacionado com a melhor sociedade cá da terra.

—Pois sim, filha... mas não te deves iludir pelo que te dizem e pelas apparencias, pois que as mais das vezes, iludem; tenho pena não ter reparado!

—Se a mamã o visse, dizia logo que aquelle era o homem que me convinha... tenho a certeza disso.

—Mas então quem é o rapaz?

—Quem é? O' mamã... pois eu não lhe estou a dizer que é a melhor figura que tenho visto?

—Não é essa a pergunta, menina, eu o que quero é saber o nome, a profissão, se é pacato e abastado! A mulher que tem juizo não vai atraz de figura... o que quer é que o homem tenha meios... e seja socegado.

—O nome é muito bonito... Quintino é a sua graça, dignissimo empregado no B. N. U. e pelos modos e pela voz, parece... ser rico e bom.

—Pois sim... nunca fiando, parece não é certo... é preciso ter a certeza... eu cá sou como São Tomé—sem vêr não crer—; agora pelo nome é que estou a ligar; esse magapão é um grande zaragateiro; ainda no numero passado veio no «Taralhão» por ter chegado a cara a um moço chamado Teles e depois todo feito mau, por lhe terem dado a honra de vir nas suas columnas, dizem... que andou armado de pis-

NO REINO DOS PATOS

A vida dum amantense
do Registo Civil

É este o título que um notabilíssimo poeta, um vate que subiu gloriosamente enlevado nas asas da Musa, deu às suas poesias de 19 de Outubro de 1923, verdadeiro quadro de luz, de imaginação viva, de técnica quasi sobrenatural e síntese dum genio imensamente superior. A pura arte na sua expressão mais simples!

O novel poeta, que devido á sua modestia jamais revelou seu nome consagrado, é, e desculpe-me por eu romper as trevas que o conservavam na ignorância do povo, o snr. Luiz Ribeiro Eugenio, que com a simplicidade de tam assombroso talento começa nestas quadras:

Batem sete horas na Oliveira.
Levanto-me imediatamente,
Para chegar a tempo ao Registo,
Atendendo qualquer cliente.

Que desejam os senhores?
Eles ficam logo atónitos.
Quero baptizar um netinho,
Mas é filho de pais incógnitos.

Musa ditosa que tais filhos dás!
Eu te bendigo pelo triunfo verdadeiramente repentino dum daqueles que aspiram a envergar a tua capa violácea, a capa dos sonhos, a capa dos poetas! Dá-lhe já a tua capa verde, porque não dá erros de gramática nem de métrica. E a cadência é sublime! Saboreemos entretanto mais estes farrapos de sol poético:

Assim se vai passando o tempo
Para chegar ao jantar,
Enterrando os que morrem,
Porque não podem esperar?

Se chegam os Tónios para casar,
São servidos com atenções,
Porque esses é que dão o «painço»
Para comprar os tais melões.

tola para pregar dois tiros no seu director. E era dessa gente que tu escolhas para marido! Credo, filha... tens os gostos estragados... Pois esse malandrim não tinha pena de matar um coxinho... (?) arre que já é ser mau...!

—Oh, senhor! a mamã não gosta de homem nenhum e estou a vêr que passo de moda e tenho de ir para freiral!

—Não, filha, não é tanto assim... se arranjaras um bom rapaz eu deixo-te casar.

—Haver vamos, e oxalá appareça depressa, pois estou anciosa por... casar.

Coca-bichinhos.

Vem o cliente inquieto
Porque deseja a sua certidão.
Logo salta a cantiguinha
Sem ser a do São João.

Assim se passa o dia
E quando ele não é mau,
Vou com o colega Pereira
Visitar logo o Tarau.

Saltam logo imediatamente
«Bijus» e iscas de bacalhau,
Refrescando o belo verdial
De que por sinal não é mau.

Vai-se depois ás bicalhadas
Com qualquer bela sopeira.
Se ela é boa, vai para casa
E trabalha-se a noite inteira.

Estupendo estro! Nem o Quintino de pistola em punho, nem o Coelho de orelhas arrebitadas, nem o Mãe-ol'h'ela a tocar guitarra, nem o Lerdeira a explicar geografia e nem o Maduro de Atães com o metro na mão, seriam capazes de assim versejar. E se existisse Barbosa du Bocage, havia de ser laureada a sua verve; poesias de tam eminente lavra obrigariam o infeliz Elmano, num gesto rancoroso, a chamar ao seu autor, o nosso Luizinho, não poeta, mas poetaço ou poetastro.

Continue pois nos seus trabalhos, que o snr. deve dar qualquer coisa. A lingua ficar-lhe ha devendo muito, bem como a literatura nacional que ha pouco enriqueceu com a sua *odisseia*.

Mefistofeles.

Sem comentários.

Noticias da Penha

- Um pinhão de peregrinos.
- Muitas Marias e muitos Manéis.
- Uma filial da Farmacia Rebelo muito visitada.
- O Dr. Almude num carro de bois.
- O Vasquinho sorridente com uma perdiz, que pedira emprestada, presa todo o dia pelos gorgomilos.
- O Vasquinho de polainas a sportman.
- O Vasquinho com uma escopeta de matar felosas.
- O Vasquinho a fazer-se passar por caçador.
- O Vasquinho á caça das Julietas.
- O Vasquinho a mandar peso.
- O Vasquinho piramidal.
- A pera á Barrabás do sôr Carvalho.
- O excelso «Camion da Creche» armado em fotógrafo ambulante, tirando instantâneos de esquelha. E não houve uma alminha de Deus

que lhe pregasse com um gato morto na *fisolostría* do *caractel* do rosto.

→ O amigo Mendes comovido com a politica actual.

→ Abundância de sujeitos de mão arteira e pé ligeiro.

→ Uma mão misteriosa a atropelar uma corrente de ouro.

→ O automovel Gervasio applicando uma *turra* fenomenal no traizero dum fogueteiro.

→ O sol a pôr-se na lua, segundo o sôr Matias.

→ Uma dança carnavalesca interrompida pelo Narciso.

→ Um conflito politico... Vivas á anarquia e á revolução social.

Irrealizáveis

Dizem que se vai construir um teatro aerio nos subterraneos do Banco do Minho.

—Consta-nos que um grupo de afeiçãoados ao progresso desta ditosa terra convidou um arquiteto francês para idealisar um prédio que deve servir de museu aos projectos que serão levados a efeito na semana do «já te apanho».

—O Coelho mandou vir uma luneta electrica, ultimo modelo saído das fornalhas da California.

—O Vinagreiro vai mandar ao Polo Norte uma esquadra composta por cruzadores á vela e lanchas a vapor a fim de, com a ajuda da sorte, importar grande abundancia de sardinha pôtre, pois que a sã faz mal aos olhos.

—A camionete do Avelino padreiro bateu o record mundial na corrida dos Dardanelos.

—O Oliveira vai ser condecorado com um par de chanquitos, marca «Cajato», por tomar á peito a defeza daqueles que podem mais do que ele.

—A carestia da vida está vinte mil metros acima do nivel do mar.

—Vai ser estabelecida uma carreira de aeroplanos entre Ronfe e Pevidem.

—Segundo telegramas do planeta Marte, soubemos que o nosso amigo Hermenegildo Guimarães, coadjuvado pelos seus inseparáveis companheiros Novais e «Rossinac», ali voára com uma máquina fotografica para tirar a chapa mais exacta da lua.

—As muletas do nosso director vão ser transportadas para o Museu de Antiquidades de Berlim, bem como as botas do Gervasio, que, por decreto aprovado nas camaras, passaram á reforma.

—O que é irrealizável.

Pensamentos e ditos

O elefante é um termómetro!
E' um barómetro que atravessa o
siara por ocasião dos siamons.

Oliveira (29).

Não te quero! Bem sabes que
sou de sangue nobre e tu quem
és?!...

Estela.

Ainda não encontrou quem lhe
apresentasse tamanho sortido de
chapeus como eu!

Coelho.

Como já comeste, estás agora
com o ventre barrigudo.

D. Maria.

Bem, bem, vou-lhe bater por
dar vivas á Monarquia!

Mendes.

Indefinidamente é uma coisa
não clara.

Novais.

Quando ando «agarbiado» não
posso «riflitir».

Rossinac.

E' melhor fugir para traz para
fugirmos ao «Taralhão».

Hermenegildo.

De monóculo no olho sou um
perfeito D. Turibio.

Rossinac.

Avinça, Tomate!

A. Rocha.

Eu não sou orador, nem nun-
ca o fui...!...

Vas.

Então tu trazes ventiladores
nos pés?

Freitas.

Aqueles que não pagarem o 1.^o
e o 2.^o numeros devolvidos irão
para a secção dos caloteiros.

Taralhão.



SE não nos é possível contem-
plar no outôno o desabrochar
das flores, se não é no outô-
no que o seu viço realça acalentado
pelo sôpro da tarde, se é no outôno
que as vemos desprenderem-se em
fragmentos macilentos, pálidos como
os namorados infelizes, tristes como
os amantes abandonados, também
nesta quadra sombria podemos ad-
mirar uma flôr, formosa como os li-
rios, folgando por entre as folhas
que se separam envelhecidas das ár-
vores e embelezada pelos ultimos
raios dum sol que encanta.

O seu humor risonho, inspiran-
do estrofes sublimes como toda a es-
trela que rutila no firmamento opa-
lescente, é mais um contraste ás
froixidões do outôno.

E as suas faces, lividas por ve-
zes, efeitos do cansaço, dos brinque-
dos pueris, revelando-nos as fasci-
nações do reino das illusões, dos so-
nhos; são adoráveis.

Como a pomba de côr nevada
que bate as suas azas, trêmulas de
amôr, e sobe mansamente fendendo
as nuvens fantasiosas duma esfera
de luz roxeada, assim Edit Teixeira,
com os seus requebros amorosos,
com os seus olhares enternecidos
parece fender e arranjar guarida em
nossos corações. O seu aspecto se-
nhoril, augusto, apresenta-se-nos im-
ponente, qual deia do mundo illusivo
que sonhamos, que procuramos bal-
dadamente.

E se esse mundo nos facilitasse
a entrada, admitamos a realidade
dum impossivel, veriamos, no decli-
nar duma tarde primaveril, nuvens
poeirentas como o sol doirado, ma-
rejadas de violetas e de lágrimas a
cairem como orvalhadas sobre os
cabelos soltos dessa flôr mimosa
que tanto aformosea o mundo nos
seus jardins variados.

Jaques Belo.

«O Taralhão» é o unico jor-
nal que se não rala... e só de-
seja muitas assinaturas pagas.

Mais gordo do que um teixugo,
Papo-sêco em exagero,
Dás-me a ideia dum verdugo,
Dum gordefas sem «tempêro».

MANDAS pêso, amigo focado,
ou antes, pesas muito — não
na balança social, mas sim
na balança decimal. Quando passo
por ti, sinto que uma brisa carrega-
da de perfumes variados me tapa as
narinas. E tu que gastas do caro!!!
Não admira. O perfume é materia
necessária para evitar os efeitos da
tua gordura. E eu aconselho-te a
usares o perfume-batata ou o per-
fumê-cebola misturado com essencia
de gato esfolado ou unto de toupei-
ra viva. Se assim fizeres lucrarás.
E podes fazê-lo, de manhã por exem-
plo, em antes de ires para o Ultra-
marino.

Depois, já podes torcer com li-
cença o trazeiro sem prejuizos gra-
ves. Está descançado que não é
meu intento revelar o teu nome.
Mas presume numa coisa. E sabes
que coisa é? — E' não dares casca,
porque além de desacatos porventu-
ra lamentáveis, aqui tornarias e, co-
mo sabes, depois... a impiedade
nas tuas costelas!

Adeus, pois, meu caro, estimado,
idolatrado, destemido, fenomenal,
piramidal, simpático, gentil, lembra-
do, relembado e jamais esquecido
amigo.

Não te rales.

«O Taralhão»

Avisamos os nossos estimadis-
simos assinantes de que, na pró-
xima semana, procederemos á co-
brança do primeiro trimestre dèste
periódico.

Depois, de ter o «pingo» em
cofre, «O Taralhão» passará por
grandes transformações, anun-
ciando-se desde já surpresas feno-
menais.

Os não pagantes, como é sabi-
do, terão de se sentar no banco
dos reus.

E o júri será implacável para
com os caloteiros.

A Comissão Executiva.

! ! PAGINA LITERARIA ! !

SONHO DO MONGE

(Continuado do n.º 2)

Pisando o chão de variadas pedrarias duma avenida ladeada de coisas maravilhosas que além fazia uma dobra interessante, o mancebo caminhou turvado até chegar a uma vertente murmurosa chamada—*a fonte dos suspiros*. Bebeu algumas gotas daquele liquido cristalino e ficou soltando um hálito perfumado. Mais adiante viu um planalto auricolor chamado—*o palco dos deuses*, lugar místico que as fadas veneravam por ser ali que nas calmas noites de estio, sob o brilho lucilante do luar, faziam suas preces crentes ao contacto dos vultos visionarios do passado. Caminhou ávido de belezas até que chegou ao *retiro dos noivos*, verdadeiro ninho de amor em que os pares se entendiam pela mimica. Neste momento estava um chafariz a ser chupado por uma serpente matizada, o arco-iris. O cavaleiro andante foi colocar-se com o seu par debaixo duma cobertura de vitrais que coava luz mimoseada de côres vivas. Passados alguns instantes choviam das nuvens roxas e purpureas esmeraldas, safiras, diamantes e madreperolas. Eis que todas as fadas se ocultam entre arbustos como avesinhas escuraçadas pelo orvalho matutino. Foi neste momento que o visitante deparou um amor excelso á loira fada; e, quando colava os lábios sedentos na mão de arminho para expressar um resequido beijo, sentiu em si um fenómeno babélico. Levantou a fronte e, como um alucinado, viu que tudo empalidecia em sua volta, mesmo a fada que por fim desaparecera. Quiz berrar, mas a voz faltou-lhe; cerrando momentaneamente os olhos pareceu-lhe respirar outra aragem, mais pura, menos artificial. Ao abri-los ficou espantado com o espectáculo que a seus olhos se deparava. Já não estava num ninho de fadas, mas sim num adro de capela aldeã. Correu ao acaso, gemendo de saudade. Estava enamorado. Amava. A fada enfeitiçara-o. Percorria como louco penhascos e carrascals; parou sem fôlego. Nisto, os validos indolentes duma ovelha perdida na selva chamaram-lhe a atenção. Não demorou muito que uma môça loira surgisse dum bosque em perseguição da mesma ovelha que caminhava desconsolada á luz crepuscular.

— Oh! fada! clamou delirante, levantando-se de repelão. Ela, a loira do palácio encantado!... Ouviu o grito. Olhou surpreendida.

— Ah! disse ela. Julguei que vos houvesseis perdido nas avalanches do mundo!

— Amais-me? suspirou êle freneticamente.

— Comoveu-me a vossa alma aventureira! responde corando levemente.

— Dizei-me, senhora, se estarei sonhando. Quando minha avó e minha mãe seroavam, fiando linho nas suas rocas, ouvi-lhes contar lindas parécidas com esta aventura!! Estarei sonhando? continuava loucamente extasiado.

— O sonho, tornou a jovem com o seio a arfar, é o alimento mais doce dos namorados. Mas vejo-vos febril! Ohai, continuou indicando uma bica,

CANTIGAS

PARA MARIA

Todo feito de cantigas
um rosário lhe vou dar
p'ra desfiar, às noitinhas,
quando o Senhor me levar.

Ail tristes dos que se perdem;
eu tambem já me perdi:
há muito que ando perdido,
perdido de amor's por ti.

A estrêla da Ventura
do céu veio, ao céu subiu:
eu já a vi bem pertinho;
ai! de quem jamais a viu!

Os olhos do meu amor
são dois lagos de carinhos
onde vão matar a sede
os meus olhos pobrezinhos.

Atirei á rebatinha
com beijos de bem-querer:
foram todos, os brejeiros,
os teus lábios escolher.

Se os beijos que se dão fôsem
lepra que desse o Senhor
andavam cheios meus lábios
da lepra do teu amor.

Oh! Rapazes de olhos belos
vinde com os meus brincar:
vós tendes fogo nos olhos,
quero vêr os meus cegar.

Tu sofres, se me não vês,
e eu soffro, em não te vendo;
enganamos um ao outro,
e assim vamos vivendo.

Esseadê.

vinde beber daquela água que ficareis curado. E arrastaram-se sobre os tapetes de feno até chegar à desejada fonte. O môço bebeu, bebeu. Depressa se sentiu de todo são.

— São os murmurios, disse a loira com simplicidade, destas fontinhas de aldeia que os poetas decantam em estribilhos pastoris. Só os ais do coração não encontram quem os anime razoavelmente!

Continua.